

IMPORTÂNCIA DA ARQUITECTURA PARA UMA PRÉ-HISTÓRIA DA MENTE: EM TORNO DO ESTUDO DAS CADEIAS OPERATÓRIAS, E DA SEMIOLOGIA DOS ESPAÇOS “PRIMITIVOS”*

Esta intervenção refere-se ao “fundo problemático” das investigações que realizo, e articula-se em torno de quatro tópicos:

- arquitecturas;
- pré-história da mente;
- cadeias operatórias;
- semiologia de espaços “primitivos”.

Por *arquitecturas*, refiro-me naturalmente a todas as operações realizadas no mundo material, por acrescentamento ou subtracção, que envolvam a criação de dinâmicas espaciais/vivenciais articuladas com pares de opostos como: volumes/vãos; eixos/movimentos; espaços cheios/espaços vazios; paragens/circuitos; obstáculos/passagens; dentro/fora; alto/baixo; aéreo/subterrâneo; iluminado/obscuro; aberto/fechado; escondido/exposto, etc.

Todo o espaço terrestre é, no limite, espaço construído, arquitectónico, no sentido de que todas as pré-existências (volumes anteriores a uma acção intencional humana) foram integradas no espaço humanizado, quando não são produtos, mesmo, dessa acção antrópica, mais ou menos articulada com factores “naturais”. Perde portanto sentido operativo a oposição natural/artificial, na medida em que todo o “natural” foi “deglutido”, por assim dizer, pelo “artificial”. Quer esse natural tenha sido “intervencionado”, quer ele tenha sido deixado mais ou menos “como tal”. Pode dizer-se que este fenómeno se produziu com o “Homo sapiens sapiens”, talvez a partir de há c. de 40.000 anos.

A pré-história destes últimos 40.000 anos (marcando uma ruptura com toda a pré-história anterior de milhões de anos, e tornando insignificante a divisão cronológica entre Paleolítico e Neolítico, por exemplo) é o estudo de como esta “mente moderna” se desdobrou em múltiplas criações, absorvendo completamente a “natureza”. Essa absorção deu-se primeiro ao nível conceptual, cosmológico, cosmogónico, e traduziu-se progressivamente em alterações cada vez mais profundas do mundo material, plasmadas no que vulgarmente chamamos arquitecturas (menos de monumentos, ou de sítios, do que de paisagens inteiras, que evidentemente incluem

* Resumo da comunicação exposta na Faculdade de Letras do Porto a 7 de Março de 2003, por ocasião da apresentação pública anual dos resultados das pesquisas dos membros do DCTP-FLUP.

aqueles). A *pré-história de mente* é a tentativa de perceber as grandes linhas dessa fase decisiva que vai até ao surgimento da escrita e do Estado nalguns pontos do planeta.

Entre a *pré-história* hominídea, de milhões de anos, e a história recente, dos últimos cinco mil anos, a *pré-história* de que falo é o período em que tudo o que é decisivamente humano (criação de um mundo significativo) surgiu e se impôs no espaço vivencial.

Cadeias operatórias são sequências de actos que visam um objectivo, pressupondo pois a *pré-figuração* mental deste. No caso das arquitecturas, são sequências de acções construtivas, técnico-conceptuais, que visam implementar uma ordem – fixa, semi-fixa, ou precária, efémera – no espaço/tempo. O “*Homo sapiens sapiens*” (a nossa sub-espécie, com c. de 100.000 a 150.000 anos de existência, mas na qual só há uns 40.000 anos se deram “mutações” culturais substantivas, a um ritmo cada vez maior) caracteriza-se pelo comportamento transformador da natureza, visando domá-la e torná-la numa grande obra arquitectónica totalmente humana. A domesticação de plantas, animais, longamente identificada com o Neolítico, é apenas um sub-problema dessa generalizada domesticação do mundo (espaço/tempo) que começou muito antes, e hoje se está a consumir pela homogeneização total da Terra, sob a égide da mentalidade totalitária e laica moderna (o “homem” é o senhor absoluto do mundo material, e como este é o único que existe, dominar o material é dominar a totalidade).

A *semiologia* atribui-se a missão de estudar todos os “actos de sentido”, ou seja, toda a acção humana produtora, emissora, transmissora, receptora de sentidos. O seu interesse consiste no acordar da nossa consciência para o facto de não haver actos puramente utilitários, funcionais, e actos puramente simbólicos. Essa dicotomia do senso comum é absurda, como se vê pela publicidade, que até para vender sanitários recorre às “quatro estações” de vivaldi (a utilização de minúsculas é intencional) – o mundo humano é o mundo do desejo, implantado na materialidade do nosso corpo e permanentemente fabricado pela imaginação. A sociedade de mercado e de consumo generalizado actual consiste precisamente na mercantilização generalizada e totalitária do desejo, transformando-nos a todos em autómatos de nós mesmos.

O espaço contemporâneo moderno foi construído em torno da ideologia que se ancorava na dicotomia entre o quotidiano útil (funcional) e o cultural (no sentido amplo) inútil (evasão compensatória do trabalho). Os cidadãos oscilariam entre a aceleração e a desaceleração, como máquinas (paradigma, ou modelo, do mundo como um todo). Mas os ritmos produtivos e os ritmos consumistas instalaram-se na vida diária. E o trabalho hoje desmaterializa-se e desvaloriza-se (flexibiliza-se, na linguagem liberal económica, isto é, desloca-se para onde fica mais barato), esbatendo-se a todos os níveis as fronteiras entre trabalho e lazer. Percebemos a historicidade (a relatividade, ou precaridade) de todos esses conceitos, dicotomias, e valores, o que nos abre à compreensão de “espaços outros”. Que espaços outros? Os do passado diferente de nós, os do presente de outras culturas (que já não estão necessariamente distantes, instalaram-se parcialmente entre nós), e os do nosso próprio presente mais imediato. Neste, o habitado/construído (aldeias, cidades, metapólis), e o herdado protegido (património, cultural ou natural) convivem permanentemente com a ruína, a desordem e o lixo. A ruína é tudo quanto não conseguimos (ainda, ou jamais) transformar em património. A desordem é a desorientação social plasmada na droga, na criminalidade, no individualismo e na efemeridade dos laços de coesão social. O lixo é a outra face do consumo – os restos dos sonhos deitados fora. A sociedade actual, levando ao extremo a produção de detritos, permite à arqueologia afirmar-se como uma das suas ciências centrais, visto que a arqueologia foi sempre uma reflexão sobre as

ausências (sobre o passado) a partir dos seus sinais presentes, dos seus restos. Mas hoje a arqueologia, consciente da sua actualidade, pode conjugar-se eficazmente com uma semiologia geral da sociedade em que vivemos, para a partir dela conceptualizar outras sociedades possíveis.

Espaços “primitivos” – utilizo esta palavra desusada, mas obviamente aqui sem quaisquer conotações pejorativas ou “exóticas”, para caracterizar todas as formas de organização do espaço estudadas pela arqueologia pré-histórica e pela etnologia das sociedades não europeias, que testemunham ontologias ou cosmovisões diferentes da nossa, implicando conceitos que não nos são habituais. Ao exigirem a nossa reflexão crítica, estas investigações afastam-nos das evidências turísticas e das tipicidades pitorescas do tal “exótico” (entendidas como única fuga do mundo actual), para instalarem a dúvida de que se alimenta a verdadeira reflexão, talvez um dos raros valores que nos restam. Outros espaços, outros sistemas de conceitos, outros valores, outros mundos com que podemos dialogar, e que nos podem ajudar a criar soluções alternativas ao inferno em que o nosso mundo se tornou, se defendermos intransigentemente uma prática científica que recuse todos os facilitismos, todas as domesticações do passado, todas as falsas continuidades que tenderiam a fazer da história uma narrativa em que tudo desemboca, forçosamente, no mundo tal qual ele hoje é. Não: houve – e há, e estão em fabricação contínua – mundos alternativos, espaços alternativos, sentidos novos, libertadores, solidários, em contracorrente. Temos de construir um passado que nos abra novas visões de futuro.

O “sistema” não fechou ainda sobre nós o seu cinto de ferro, não nos deu ainda o abraço de cobra. A não ser que o facto de permitir a um catedrático da Universidade do Porto que se entretenha a dizer isto seja uma das suas múltiplas e insuspeitadas astúcias.

Porto, Março de 2003.

Vítor Oliveira Jorge